

Índice

| | |
|--|---|
| O mundo não é laico..... | 1 |
| “Charter schools”: uma boa escolha para Nova Orleães | 2 |
| A Wikipédia das notícias despede os seus jornalistas | 3 |
| “Sobre la naturaleza humana” | 4 |

O mundo não é laico

A Europa secularizada é bastante míope em relação ao fenómeno religioso. Tende a pensar que o esquecimento da religião é um sinal de progresso e que quanto mais for confinada à esfera privada, melhor. Mas basta a demografia para desmentir a ideia de que caminhamos para um mundo secularizado onde a religião contará cada vez menos. As zonas do mundo com maior crescimento demográfico são também as mais religiosas. As religiões com muitos crentes em países que se encontram em desenvolvimento – com elevadas taxas de natalidade e mortalidade infantil em baixa – são as que mais se vão expandir.

Segundo estimativas do [Pew Research Center](#), os muçulmanos são os que têm uma taxa de fecundidade mais alta, com uma média de 2,9 filhos por mulher; seguem-se os cristãos, com 2,6; os hindus e os judeus, com 2,3, ficando os “sem religião” com 1,6, o que não assegura a substituição de gerações. O *baby boom* tem maior destaque entre os muçulmanos, que são 24 % da população mundial, mas proporcionam 31 % dos nascimentos; pelo contrário, os “sem religião”, que são 16 % da população, só contribuem com 10 % dos nascimentos, pois estão concentrados em zonas envelhecidas e de baixa fecundidade (Europa, China, Japão).

Para se entender com o resto do mundo, fazer negócios e coordenar políticas, a Europa não pode perder de vista que a religião é um fator social influente em muitos países, um fator que se tem de entender e valorizar. E a falta de cultura religiosa não ajuda. Assim o refere um relatório interno do

Ministério dos Negócios Estrangeiros holandês, traduzido (1.12.2018) por “[CruX](#)”.

A Holanda é um país que vive das exportações e dos laços financeiros com muitos e diversos *partners* de todo o mundo. Por isso, é de vital importância que saiba compreender as suas culturas, o que inclui a religião. No entanto, a Holanda é uma das sociedades mais secularizadas do mundo e, segundo diz o documento, “corremos o risco de ter um viés secular e falta de cultura religiosa”.

Isto é um obstáculo para uma diplomacia eficiente. “Se o Ministério dos Negócios Estrangeiros entender melhor a religião e tradições religiosas, desenvolverá uma política externa mais competente. Num mundo que tem vindo a experimentar um renascimento da religião, precisamos de investir mais em conhecimento e aptidões nesta área”, adverte o relatório.

Os embaixadores holandeses, interrogados pela Unidade de Assessoria Estratégica, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, reconhecem que um conhecimento básico da religião “é essencial para uma política externa sólida e eficaz”, e mostram o seu desejo de estarem melhor capacitados neste campo e de partilharem informação.

O relatório faz várias recomendações finais, entre as quais, que todos os novos diplomatas recebam uma formação em matéria religiosa. “Parte desta formação seria uma lista dos princípios importantes das religiões e uma explicação dos preconceitos seculares holandeses”. Também se sugere que o Ministério inclua as organizações religiosas na sua rede de contactos internacionais.

Quando o documento foi conhecido, alguns políticos criticaram que o Ministério não tenha posto ainda em prática as recomendações do relatório, que data de dezembro de 2017. O democrata-cristão Martijn van Helvert comentou: “Enquanto no resto do mundo é completamente normal falar de religião, a nós parece-nos esquisito, porque pensamos que não é moderno. E, conseqüentemente, não somos capazes de entender importantes sinais de outros países”.

Perante esta necessidade de cultura religiosa para melhorar a diplomacia holandesa, torna-se mais antiquada a alergia ao ensino religioso na escola que, por exemplo, a esquerda espanhola não supera. Qualquer novo governo socialista – e [o atual não é exceção](#) – propõe-se expulsar os conhecimentos religiosos do plano de estudos, como se eles pudessem contaminar as mentes dos alunos. Não apenas se colocam obstáculos a que os alunos recebam voluntariamente na escola o ensino religioso que as suas famílias desejam. Também se omite qualquer formação sobre o facto religioso, a não ser alguns lugares-comuns repetidos sobre a Inquisição ou Galileu.

O resultado são gerações que além de incultas em matéria religiosa, pensam que isto é ser moderno. Quando estes alunos tiverem uma profissão e tentarem estabelecer relações comerciais e culturais com pessoas de outros continentes, vão descobrir que não basta saber inglês. Para compreender outras culturas – e também a própria europeia – têm de entender, entre outras coisas, as crenças religiosas que as moldaram e que continuam a ter influência hoje. Deste modo, previnem-se os confrontos que tantas vezes surgem a partir do desconhecimento do outro. A ignorância – igualmente a religiosa – nem é moderna nem é laica.

I. A.

“Charter schools”: uma boa escolha para Nova Orleães

Embora já tivessem arrancado algumas reformas anteriormente, foi depois do furacão Katrina de 2005, no quadro do programa de reconstrução, que a maior parte das escolas públicas de Nova Orleães – a cidade mais povoada do estado do Luisiana – passaram a ser *charter schools*.

São escolas financiadas com fundos públicos, mas geridas por entidades privadas. E, no caso de Nova Orleães, sempre sob a supervisão de um conselho estadual. Em julho de 2018, a cidade voltou a assumir as competências em matéria educativa e, desde então, são as autoridades escolares locais que inspecionam o trabalho destes centros.

Apesar deste acompanhamento de perto, desfrutam de autonomia na contratação dos professores e, inclusivamente, têm independência para concretizar algumas partes do currículo que transmitem. Graças à implantação deste modelo, Nova Orleães reduziu a sua burocracia educativa e as famílias podem escolher livremente a escola para os seus filhos, pois esta não é atribuída devido à sua proximidade ao domicílio, como é habitual.

Pelas suas singulares condições, Nova Orleães converteu-se num importante banco de testes para analisar o impacto das escolas públicas autónomas, especialmente entre a população com menos recursos. Como as *charter schools* escolarizaram praticamente todos os alunos do distrito, não acontece o problema de outros estudos em lugares onde se tem de solicitar lugar e selecionar candidatos se a procura supera a oferta. Em tais casos, não se torna fácil discernir se os bons resultados das *charter schools* são devidos a ensinarem melhor ou a receberem estudantes mais motivados.

Um [estudo](#) da Education Research Alliance for New Orleans (ERA - Nova Orleães) constata os benefícios que trouxe a implementação das escolas deste tipo. Os pais também observam a melhoria: 70 % deles reconhecem que a situação educativa melhorou nos últimos anos, de acordo com um inquérito. Antes do Katrina, as escolas da cidade eram das piores do país.

Segundo o relatório, que estuda a situação das escolas públicas desde 2005 até 2014, as *charter schools* conseguiram pontuações mais elevadas nos testes padronizados. Tanto em matemática, como em leitura, língua, ciências naturais ou sociais, os alunos de Nova Orleães obtêm agora notas superiores e melhorou a posição das escolas da cidade nos *rankings* académicos do estado.

Mas não foram estes os únicos índices que melhoraram. Antes do Katrina, unicamente 54 % dos alunos de Nova Orleães conseguiam acabar os estudos do ensino secundário, 10 % abaixo da média do estado da Luisiana. Desde que as escolas públicas são geridas por operadores privados, aumentaram as taxas de graduação entre 3 e 9 pontos. Igualmente, a percentagem de alunos que entram na universidade passou de 22,5 % para 32,8 %, apesar da Luisiana ter sido o estado que mais cortou nos fundos públicos de financiamento do ensino superior.

Tanto para Douglas N. Harris, como para Matthew F. Larsen, diretores do estudo, mais significativas foram as melhorias da taxa de permanência na universidade e a de conclusão dos estudos superiores, pois mostram que a formação dos estudantes é realmente eficaz e adequada.

No caso da permanência, a percentagem de estudantes que continuam na universidade dois anos depois de entrarem, aumentou em oito pontos percentuais no período 2005-2014. E a dos que terminam o curso é entre 3 e 5 pontos maior do que antes.

Como na sua maior parte os alunos das escolas públicas de Nova Orleães pertencem a famílias com baixos rendimentos, a implantação das *charter schools* depois do Katrina foi especialmente benéfica para este setor da população. Trata-se de um dado que os autores do relatório sublinham, visto que os críticos deste modelo questionam que beneficie os mais desfavorecidos.

Daí que seja tão importante a experiência de Nova Orleães, onde se constata uma redução da desigualdade a longo prazo. Os investigadores reconhecem que o fosso entre estudantes brancos e negros se mantém nas notas, mas estreitou-se no caso das taxas de graduação ou de permanência na universidade.

Para alguns, a melhoria do ensino em Nova Orleães não se deve tanto à mudança de modelo, mas principalmente aos maiores gastos públicos. Depois do desastre, aumentaram as ajudas e com elas foi reduzida a pobreza extrema, tal como [indica](#) Carol Burris, diretora executiva da Network for Public Education, e opositora das escolas autónomas.

No entanto, o colunista do “The New York Times”, David Leonhardt, [atribui](#) (15.7.2018) a melhoria do ensino em Nova Orleães a dois fatores estreitamente relacionados com o modelo das *charter schools*: autonomia e prestação de contas. Ao gozar de maior independência, a direção das escolas pode adaptar o currículo para satisfazer as necessidades reais dos seus alunos. Neste sentido, por exemplo, algumas escolas reforçaram o ensino de determinadas matérias ou competências para melhorar os resultados académicos.

Por outro lado, ao fiscalizar a sua atividade e condicionar a autorização de modo a ensinar para o rendimento académico, as *charter schools* esforçam-se por melhorar e atrair os alunos. É essa competência e a obrigação de prestar contas perante os órgãos públicos, aquilo que incentiva e promove o desenvolvimento contínuo das escolas. Desde que se implementou o programa de reconstrução, as autoridades do Estado cancelaram a convenção com 40 operadores de *charter schools* devido ao seu escasso rendimento.

Apesar das melhorias, para os autores do relatório é necessária cautela na altura de replicar a experiência noutros lugares. Nova Orleães, na sua opinião, encontrava-se numa situação excecional e é isso também o que explica o sucesso do programa. Em primeiro lugar, depois do Katrina chegaram inúmeras pessoas que trouxeram o seu talento para reconstruir a cidade. Em segundo lugar, os resultados académicos eram tão pobres que, na opinião dos diretores do estudo, outras abordagens educativas poderiam ter tido também, de certo modo, sucesso. Por último, pensam que as *charter schools* funcionaram no contexto urbano de Nova Orleães, mas não existe uma certeza de que melhore a situação em distritos não urbanos.

J. C.

A Wikipédia das notícias despede os seus jornalistas

A iniciativa de Jimmy Wales, cofundador da Wikipédia, retifica o rumo um ano e meio depois do seu lançamento, com o despedimento da equipa de jornalistas e com uma redefinição. A WikiTribune nasceu como um projeto experimental, que funcionava como a popular enciclopédia, mas cuja matéria eram as notícias. O mais importante era que muitos contribuíssem para escrevê-las, em igualdade de condições, e que qualquer um pudesse contribuir. Qualquer um?

Qualquer um. A “democratização” é peça chave da ideia jornalística de Wales e, conforme declarou na sua [plataforma](#), a razão pela qual teve de despedir o seu quadro fixo de jornalistas. Eram doze jornalistas profissionais que, na sua opinião, tinham assumido um papel preponderante. Nessa carta aberta reconhece a sua responsabilidade, aludindo a erros similares no começo da Wikipédia: “Enganámo-nos logo no desenho inicial. Apesar dos melhores esforços do pessoal, a estrutura e o desenho não permitiram que a comunidade prosperasse genuinamente”.

Nisto dá-lhe razão um dos recentemente despedidos, Charles Michio Turner: “Os artigos publicados pelos jornalistas – incluindo alguns exclusivos impressionantes – costumavam ser os mais vistos... Mas também costumavam receber menos colaborações”. Turner, o único dos prejudicados que se pronunciou publicamente, faz uma análise da situação num [artigo](#) em “Medium”. Começa por alertar contra os que vão aproveitar este acontecimento para considerar a experiência fracassada. E acrescenta uma reflexão sobre jornalismo participativo e a estrutura da notícia.

Como referiu a “[Aceprensa](#)” (28.4.2017) “contar bem factos (com o seu contexto, suscitando o interesse do leitor) e em pouco tempo não é assim tão fácil, pois exige competências puramente jornalísticas”. Turner é da mesma opinião: enquanto os leitores podem colaborar no processo de recolha de informação – e cita o caso da “ProPublica” –, nem todo o cidadão pode ser um jornalista. Turner, que acredita no projeto de Wales, afirma que o erro da WikiTribune foi seguir a estrutura tradicional da notícia, a pirâmide invertida.

Para ele, o jornalismo de colaboração aparece frente a frente à narrativa jornalística, mas dá muito bons resultados com determinados conteúdos e formatos. Exemplifica isso com uma das possibilidades que oferecia a WikiTribune: “O projeto de verificação de factos (*community fact checking project*) da comunidade da WikiTribune, uma plataforma onde a comunidade comprova afirmações duvidosas feitas por pessoas influentes nas redes sociais”. Tudo isto leva a pensar no papel que Wales concede aos jornalistas na sua tribuna.

“A comunidade (virtual) não existe para ajudar os jornalistas. Pelo contrário, os jornalistas irão exercer a sua profissão para trabalhar pela comunidade”, assegura Wales, explicando mais

uma vez a sua noção de jornalismo participativo. A que se refere? Quais são as ações concretas que o jornalista da WikiTribune deveria realizar com o serviço à comunidade? Na sua carta não há resposta a essas perguntas. Nega simplesmente que a função do jornalista seja “filtrar” as contribuições dos utentes. Deve então ensiná-los a fazer jornalismo?

Como já foi referido, não é fácil escrever uma boa peça jornalística. Por isso, existem Faculdades de Jornalismo. Daí que um repórter veterano tenha mais valor profissional do que o estudante que faz estágios. E, conseqüentemente, concedem-se prémios aos que desempenham o seu trabalho de modo superlativo. No entanto, essas escalas não são as que utiliza a WikiTribune. Para esta plataforma de notícias, o critério fundamental é a participação. O texto que conta com muitas edições da comunidade é digno da WikiTribune. A reportagem de um profissional, à qual a comunidade terá pouco a acrescentar, não adianta nada.

Vem a propósito, novamente, esta reflexão do jornalista despedido: “A falta de participação dos leitores não se devia a falta de interesse. Na minha opinião, era uma mostra da boa avaliação da comunidade da WikiTribune. Seria um ato de vandalismo editar a peça de jornalismo cuidadosamente construída por outra pessoa”.

Dito isto, continua a haver algo de errado. O fundador da WikiTribune não justifica o despedimento dos seus jornalistas com números. Ou, pelo menos, não é aí onde coloca a ênfase. O tema mais importante para Wales, o que lhe suscita os adjetivos qualificativos e as críticas mais rasgadas é outro: a neutralidade. Para ele, há muitos jornalistas de excelente nível que estão à altura dos ideais de neutralidade. Mas predomina entre eles a arrogância, e fazem um trabalho “miserável comparativamente com, por exemplo, os da Wikipédia”.

Um utente da WikiTribune – jornalista de profissão – comenta a carta aberta de Wales, rejeitando “a ideia de que um défice de democracia pode ser compensado com um jornalismo democratizado”. De facto, há algo que parece não bater certo na argumentação de Wales. Não será a falta de neutralidade aquilo que mais recrimina ao seu antigo quadro de jornalistas? E se um profissional, que conta com formação e experiência, não consegue ser neutral, será que se pode esperar neutralidade de todos os contribuintes, isto é, de qualquer um?

Wales parece sentir certa vertigem ao confiar nos leitores-escretores, que a partir de agora não terão que superar nenhum filtro antes de projetados para uma audiência global. Wales sabe que a WikiTribune se converte num trampolim para “qualquer um”. E adverte: “Isto faz parte de uma mudança estratégica para fazer com que a comunidade avance mais do que nunca. É uma experiência. Tenha cuidado. À partida, confio em si. À partida, a comunidade confia em si. Mas pode perder essa confiança se não atuar com imparcialidade”.

B. H. V.

“Sobre la naturaleza humana”

“On Human Nature”

Autor: Roger Scruton
Rialp. Madrid (2018)
148 págs.

O conceito de natureza humana conta-se entre os mais discutidos desde o início da Modernidade. Se é recusado, é por ser interpretado como um princípio estático que determina o que temos de ser e fazer, em contraste com a aspiração do indivíduo ao seu desenvolvimento permanente. Roger Scruton abordou este tema numa série de quatro conferências que fez em Princeton no ano de 2013 e que se recolhem neste ensaio; mas, como ele próprio reconhece, grande parte do conteúdo é tratado com maior profundidade em [“The Soul of the World”](#) (“Aceprensa”, 22.6.2016).

Na primeira conferência, o pensador inglês passa em revista o conceito de espécie humana de diferentes teorias biológicas. Depois de submetê-las a revisão filosófica, observa que nenhuma delas explica saltos como a capacidade humana de rir ou a responsabilidade, apontando para que o ser humano transcenda as dimensões físicas e biológicas. A pessoa é um ser aberto ao diálogo relacional, dotado de uma singularidade que se desdobra em campos como a beleza, a religião e a filosofia, e que é chamado à bondade.

Scruton aprofunda o conceito de pessoa na segunda conferência e salienta que a relacionalidade está na origem da moralidade, porque é o que nos transforma em responsáveis de nós mesmos, dos outros e perante os outros. A este respeito, destaca o papel das emoções, centradas no eu mas abertas ao encontro do outro. E adverte para o perigo de as descentrar – algo demasiado frequente no nosso tempo – porque facilmente acaba por converter o ser humano num objeto. É o problema que está subjacente na pornografia, sobre a qual é apresentada uma breve análise muito profunda.

O fundamento da vida moral, segundo este filósofo, é a individualidade. Critica a abordagem consequencialista, pois pretende resolver com cálculos aritméticos problemas que, pela sua dimensão humana, não se ajustam a esse critério. Daí que defenda que a teoria moral deva remeter para a pessoa, para o seu direito e mérito, e que implique um modo de chegar a ser, pelo que as virtudes têm um papel de destaque no seu desenvolvimento.

Retomando o tema da abertura à beleza e à religião, a última parte debruça-se sobre as obrigações sagradas. Scruton defende o sentido genuíno das noções de impureza, piedade e sacralidade, que situam a pessoa perante a transcendência, permitem que distinga o bem do mal, e convidam-na a empreender um itinerário de purificação e redenção.

Nestas reflexões sobre a natureza humana destacam-se duas ideias transversais. A primeira é que a pessoa só é entendida como ser-em-relação. A segunda, que a natureza é uma realidade dinâmica, que se desdobra a partir de e no emaranhado desse conjunto de relações, abrindo-se ao mundo, aos outros e a Deus. Ganham assim sentido a moral, a beleza e a religião, os grandes temas deste autor. Com isso, é dada uma resposta às objeções mais comuns ao conceito de natureza humana, mostrando todo o seu valor positivo.

E. A.

